

A AGROINDÚSTRIA E O CRESCIMENTO DA AGRICULTURA DO NORDESTE (*)

José Almar Almeida Franco
Engenheiro-Agrônomo
Técnico em Desenvolvimento Econômico
do BNB/ETENE
Chefe do Departamento de Agricultura
e Abastecimento da SUDENE

1. O CRESCIMENTO DA AGRICULTURA REGIONAL

1.1. Desempenho Histórico

Uma das características marcantes do setor agrícola do Nordeste é a tendência de firme crescimento que tem apresentado ao longo dos últimos anos.

A par dos problemas que afetam a agropecuária regional, decorrentes da influência negativa de fatores de natureza ecológica, social, econômica e tecnológica, deve-se admitir que seu desempenho, no que se refere às taxas de crescimento que tem alcançado, pode ser considerado satisfatório.

Em 1955/69, por exemplo, segundo dados oficiais do ETEA-MA, a agricultura regional cresceu a taxas anuais acima de 5%, apesar da ocorrência de alguns anos de seca. Entre 1955/65, o crescimento foi de 5,4% ao ano, chegando a 5,9% ao ano entre 1966/69.

(*) — Versão simplificada do trabalho preparado para apresentação no III Seminário Nacional de Irrigação e Drenagem, em Fortaleza, novembro de 1975.

Esses índices dizem respeito a resultados médios nos períodos considerados, vez que ocorreram variações anuais, como também diferenças entre os ritmos de crescimento dos sub-setores da agricultura. No período 1955/65, a média anual de crescimento geométrico foi de 5,1% para lavouras, 5,5% para pecuária e 8,3% para a extrativa vegetal. Nos anos seguintes (1966/69) ocorreram mudanças na evolução sub-setorial, tendo as lavouras alcançado 7,1% ao ano, a pecuária 3,8% e a extração vegetal 6,4%.

Tabela 1
NORDESTE
Incremento da Produção Real do Setor Agropecuário
(taxas anuais em %)

Períodos	Lavoura	Animal e Derivados	Extrativa Vegetal	Setor Agropecuário
1955-60	5,4	4,8	8,9	5,4
1960-65	4,9	6,2	7,6	5,4
1955-65	5,1	5,5	8,3	5,4
1966-69	7,1	3,8	6,4	5,9

FONTE: ETEA-MA.

A experiência histórica indica que poucas áreas do mundo conseguiram, durante períodos longos, sustentar taxas de crescimento do setor agrícola tão elevadas quanto as que o Nordeste teve no curso das últimas décadas. Quando isso chegou a ocorrer em outros países, teve lugar em áreas de expansão de fronteira agrícola ou em franco processo de colonização. Não é o caso do Nordeste, cuja agricultura se localiza predominantemente em áreas já tradicionalmente ocupadas pelo homem.

Do ponto de vista da oferta, a agricultura regional vem obtendo altas taxas de crescimento à base do modelo tipicamente extensivo. Tal tipo de crescimento tem sido possível graças à disponibilidade de uma certa margem de terras agricultáveis ociosas na Região.

Convém esclarecer no entanto que, para certas culturas de exigências ecológicas seletivas e em certas áreas do Nordeste, começam a aparecer os primeiros sintomas de que essa disponibilidade está sendo progressivamente reduzida.

Dessa forma, o crescimento futuro da agricultura regional poderá vir a ser comprometido, caso o Nordeste não encare seriamente a necessidade de adotar medidas no sentido do aumento da produtividade de sua agropecuária.

1.2. Desempenho Recente

Para períodos mais recentes, inexistem dados oficiais detalhados sobre o crescimento do setor agrícola. Os dados disponíveis dizem respeito ao sub-setor lavouras, responsável por cerca de dois terços do PBA.

As informações indicam que teria havido um retardamento no ritmo de crescimento das lavouras, a partir de 1969. O incremento médio anual da área de lavouras teria sido de apenas 1,86% ao ano, entre 1969/73. Neste mesmo período, o valor estimado da produção das lavouras teria alcançado apenas 2,04% de incremento médio anual.

Estes resultados menos favoráveis certamente estão sendo influenciados, pelo menos, por dois fatores: em primeiro lugar, em se tratando de um período de apenas 5 anos, a média dos resultados é mais fortemente influenciada pelo desempenho desfavorável dos anos de 1970 (grande seca) e 1972 (seca parcial).

O outro fator a considerar é de ordem metodológica. As informações sobre incremento médio anual foram computadas com base nos preços dos produtos agrícolas vigentes em 1969. Tendo em vista uma melhoria relativa nos preços dos produtos agrícolas que vem ocorrendo nos últimos anos, segundo a Fundação Getúlio Vargas⁽¹⁾, fica caracterizada uma certa subestimação dos valores da produção agrícola, calculados para períodos mais recentes.

Tabela 2
NORDESTE
Incremento Médio Anual da Área e do Valor da
Produção das Lavouras
(Em %)

Períodos	Área	Valor
1955-60	5,25	5,88
1960-65	5,54	4,61
1965-69	3,57	5,02
1969-73	1,86	2,04
1955-65	5,40	5,24
1965-73	2,71	3,53
1955-69	4,87	5,18
1955-73	4,20	4,48

FONTE DOS DADOS BÁSICOS: Centro Brasileiro de Estatísticas Agropecuárias —
 Fundação IBGE.

A SUDENE (2) tem divulgado periodicamente estimativas sobre dados de contas regionais relativas a períodos recentes, entre os quais as informações referentes ao setor agrícola.

Em 1970, segundo a SUDENE, em consequência da grande seca que se verificou na Região, o setor agrícola reduziu sua produção, em termos reais, em cerca de 16,6%, comparativamente à produção obtida em 1969.

Em 1971, a agricultura regional cresceu 22,5%, em termos reais, representando este alto índice uma recuperação em relação aos resultados do ano seco anterior.

Já em 1972, o desempenho voltou a ser negativo, estimado em menos de 2,1%, em consequência de estação invernososa irregular.

O ano de 1973 propiciou uma retomada de posição do setor agrícola, vez que, segundo a SUDENE, o incremento do valor real da agricultura foi de 8,3%. Esse ano caracterizou-se pela regularidade das condições climáticas, a par de um desempenho favorável dos preços dos principais produtos.

Em 1974, novamente ocorreram fenômenos climáticos que prejudicaram o desempenho do setor. O regime pluviométrico foi caracterizado pela ocorrência de chuvas em excesso, que acarretaram perdas na produção, comprometendo a taxa de crescimento da agricultura que, segundo a SUDENE, situou-se em torno de apenas 1,6%.

A previsão para 1975 é bem mais otimista, tendo em vista a normalidade do quadro invernos, esperando-se do setor agrícola a recuperação de sua posição. As estimativas ⁽³⁾ com base nas previsões de safra indicam um crescimento, no mínimo, entre 8 e 9%.

1.3. Perspectivas de Crescimento

Os analistas da agricultura do Nordeste têm afirmado que é viável admitir que o setor agrícola continue a crescer a taxas elevadas. Estudo realizado pelo BNB/ETENE acerca das perspectivas de crescimento do Nordeste na presente década ⁽⁴⁾, concluiu pela viabilidade do crescimento do setor agrícola nordestino em torno de 6,5%, como média do período 1971/80. As taxas estimadas para os demais setores foram de 15% ao ano para a indústria e 10% para os serviços, compatibilizando 10% ao ano para a economia como um todo.

A taxa prevista para o setor agrícola se situa acima da média do desempenho setorial passado (entre 5 e 6%) que, conforme se viu, já é considerada bastante elevada.

À época em que o estudo foi realizado, estimou-se que o setor agrícola regional seria favorecido, durante a atual década, por um conjunto de fatores que iriam melhorar o desempenho da demanda de produtos agrícolas produzidos no Nordeste. Foram considerados, entre outros fatores, o aumento esperado no ritmo de crescimento demográfico da Região, a aceleração de seu processo de industrialização, o maior dinamismo das exportações e o maior desenvolvimento do País e da própria Região.

Do ponto de vista da produção, o crescimento da agricultura regional a taxas mais elevadas não deveria ocorrer à base do simples crescimento espontâneo. Exigiria, antes, a adoção de um conjunto de medidas por parte do setor governamental e dos próprios agricultores, com o intuito de alcançar crescimento mais acelerado e o desenvolvimento da agricultura nordestina.

A partir das conclusões do estudo, foram sugeridas algumas medidas julgadas capazes de assegurar um melhor desempenho setorial, com vistas ao seu crescimento

e modernização, e que constituem subsídios para a fixação de diretrizes para a agricultura do Nordeste.

Tais medidas dizem respeito: à elevação da produtividade das principais culturas, mediante a maior utilização de insumos modernos; ao aproveitamento das áreas irrigáveis; ao aumento da produção e da produtividade dos principais produtos de exportação; ao aproveitamento de novas oportunidades agrícolas; e ao desenvolvimento dos instrumentos de apoio à modernização do setor, especialmente de pesquisa agrônômica e tecnológica, associado ao desenvolvimento da agropecuária e da agroindústria.

O crescimento futuro da agricultura do Nordeste pode também ser analisado à luz do II Plano Nacional de Desenvolvimento, relativo ao período 1975/79.

Este documento oficial do Governo Federal estabeleceu duas alternativas de crescimento para o Produto Interno Bruto do Nordeste, a nível setorial e global. No caso da agricultura, o II PND fixou como meta para o quinquênio um crescimento entre 6,8% a 7,2% ao ano ⁽⁵⁾. Para os demais setores econômicos, as metas anuais são as seguintes: setor industrial (16,6% a 17,6%); setor terciário (12,0% a 13,0%); e crescimento global do PIB (12,4% a 13,2%).

Como se vê, as metas estabelecidas no II PND para o setor agrícola do Nordeste se situam em níveis superiores ao estimado pelo BNB no estudo sobre as perspectivas da agricultura.

Vale salientar, porém, uma diferença fundamental quanto ao enfoque do crescimento do setor agrícola de acordo com as duas fontes citadas.

A alternativa de crescimento da agricultura nordestina a que se refere o trabalho do BNB é o resultado de um estudo a nível técnico sobre as perspectivas do setor, em decorrência do qual se concluiu pela viabilidade do crescimento agrícola segundo a taxa de 6,5% ao ano. A se confirmarem as hipóteses levadas em conta no mencionado estudo, e caso sejam efetivadas as medidas sugeridas, é admissível que o crescimento do setor possa ocorrer de conformidade com a mencionada taxa.

Ao contrário, os dados do II PND representam uma meta de Governo. A posição oficial do Governo Federal é de que o setor agrícola do Nordeste deva crescer segundo taxas entre 6,8 e 7,2% ao ano durante o período 1975/79. Parte-se, neste caso, da pressuposição de um comprometimento do setor governamental quanto à adoção das medidas necessárias à efetivação do crescimento da agricultura segundo as taxas previstas.

Tais medidas já estão contidas no próprio II PND e são constituídas pelas

diretrizes, programas e projetos relacionados com o desenvolvimento da agricultura, de cuja execução se espera possa a Região alcançar os resultados pretendidos.

Tabela 3
NORDESTE
Taxas Geométricas de Crescimento Anual
(Em %)

Setores	BNB/ETENE (1971-80)	II PND (1975-79)	
		1a. Hipótese	2a. Hipótese
Agricultura	6,5	6,8	7,2
Indústria	15,0	16,6	17,6
Serviços	10,0	12,0	13,0
TOTAL	10,0	12,0	13,2

FONTES: BNB/ETENE. — Perspectivas de Desenvolvimento do Nordeste até 1980.

Brasil/SUDENE — II Plano Nacional de Desenvolvimento — Programa de
Ação do Governo para o Nordeste.

2. POSSIBILIDADE DE EXPANSÃO DA DEMANDA

O crescimento da produção agrícola, além dos fatores inerentes às possibilidades de aumento da oferta de produtos agrícolas, está intimamente condicionado à dimensão dos mercados para absorver tais produtos.

Dessa forma, o estudo das possibilidades de crescimento do setor agrícola nordestino deve levar em conta a análise de duas ordens de fatores:

- a) De um lado os elementos que determinam as condições para uma evolução mais acelerada da demanda de produtos oriundos da agropecuária;
- b) ao mesmo tempo, deve ser apreciada a viabilidade do crescimento da produção.

A oferta de produtos agrícolas deverá ser analisada em relação às possibilidades reais de aumento da produção, considerando-se, para tanto, a disponibilidade

e o grau de influência de cada um dos fatores que determinam seu nível de expansão. Entre outros, devem ser levados em conta os seguintes itens: disponibilidade de terra apta à atividade agrícola; influência dos fenômenos climáticos; infra-estrutura física para produção e comercialização; disponibilidade de mão-de-obra agrícola e de conhecimento tecnológico aplicável à agricultura; grau de participação das estruturas de apoio ao setor, tais como pesquisa e experimentação, extensão e crédito rural, abastecimento de insumos.

Com relação à demanda, dever-se-á verificar quais os principais elementos que a compõem e analisar sua potencialidade para crescimento mais acelerado.

As possibilidades de crescimento da demanda de produtos agrícolas no Nordeste podem ser analisadas separadamente quanto às necessidades alimentares da população regional, ao suprimento de matérias-primas agrícolas produzidas no Nordeste para a indústria da própria Região, e à exportação de produtos agrícolas do Nordeste para outras regiões do País e para o exterior.

2.1. Alimentos — A demanda de alimentos para suprir as necessidades da população regional apresenta certa rigidez quanto às possibilidades de crescimento acelerado.

O crescimento da demanda alimentar é função do incremento populacional e de modificações dos níveis de renda "per capita" da população, considerando-se ainda a influência da elasticidade-renda da demanda por alimentos.

Partindo-se do pressuposto de que, a curto ou médio prazo, estas variáveis não se alteram substancialmente, não se deverá esperar modificações substanciais no ritmo de crescimento da demanda alimentar em relação a períodos anteriores.

O estudo do BNB, anteriormente citado (4), levou em conta o crescimento populacional de 2,8% ao ano e o incremento da renda "per capita" de 7,0%, durante a presente década.

A partir desses valores, foi possível estimar que a demanda de alimentos para a população regional poderá crescer segundo a taxa de 5,5% ao ano, no mesmo período.

2.2. Exportações de Produtos Agrícolas — a dimensão insatisfatória do mercado interno nordestino, decorrência dos incipientes padrões de consumo médios da população, até mesmo quanto a produtos alimentares, deverá exigir da Região a busca de novas alternativas para a comercialização de suas safras agrícolas.

Neste sentido, os mercados mundiais e as demais regiões do País podem constituir valiosas válvulas de escape para a comercialização da produção agrícola regional em volumes que poderão ser bastante expressivos.

As exportações de produtos agrícolas do Nordeste para o exterior e para o restante do País têm representado, tradicionalmente, parcelas significativas do valor da produção agrícola regional. Esta participação tem girado, durante os últimos anos, em torno de 15 a 20% do PBA regional, somente quanto a produtos destinados ao exterior, acrescida de valores bastante significativos em exportações para as demais regiões brasileiras.

As estimativas de crescimento do valor das exportações de produtos agrícolas, conforme os dados do já citado estudo sobre as perspectivas da agricultura do Nordeste (4), indicam taxas geométricas, para a presente década, de 5,0% para exportações para o exterior, e de 8,2% para produtos destinados ao restante do País.

Como se vê, estas taxas já se situam em níveis bastante elevados, donde se presume que dificilmente poderá ser esperado aumento mais substancial. No caso especial do Nordeste, isto se torna ainda mais difícil, vez que a atividade exportadora já alcança expressão muito elevada para a economia agrícola regional.

Eventualmente poderão ocorrer aumentos elevados no volume de negócios externos em relação a um ou outro produto isoladamente, consequência de circunstância de ordem conjuntural. Mesmo assim, não deverão ser esperadas melhorias no nível geral do desempenho de exportações de produtos agrícolas. A consecução dessas taxas de crescimento das exportações já indica, por si só, a necessidade da realização de um amplo esforço regional, dirigido no sentido da manutenção dos mercados tradicionais dos produtos agrícolas, que respondem pela quase totalidade da pauta de exportações nordestinas.

2.3. Matérias-Primas — Dentre as possíveis fontes de absorção de produtos oriundos do setor agrícola, a indústria de transformação desponta como alternativa das mais expressivas.

No atual nível de desenvolvimento do setor agrícola regional, esta possibilidade se revela ainda mais evidente.

A premissa básica é de que o setor industrial apresenta, potencialmente, possibilidades de absorver matérias-primas agrícolas em escala crescente, em maior proporção que os mercados interno e externo de produtos "in natura".

Inicialmente, deve-se considerar que a participação da indústria regional na

absorção de produtos agrícolas produzidos no Nordeste é ainda muito baixa. Isto significa dizer que parcelas proporcionalmente menores da produção agrícola regional se destinam a suprir as necessidades do parque industrial da Região, comparativamente aos bens agrícolas destinados ao consumo alimentar e ao suprimento dos mercados extra-regionais.

Uma perfeita quantificação neste sentido torna-se difícil, vez que, frequentemente, muitos produtos agrícolas destinam-se simultaneamente a várias finalidades. É fácil comprovar, por exemplo, que parte da produção nordestina de um determinado produto se destina à alimentação da população regional, enquanto outra parte é utilizada como matéria-prima industrial ou mesmo comercializada para fora da Região.

O já mencionado estudo sobre as perspectivas da agricultura do Nordeste (4) fornece dados que permitem estimar as diversas destinações de produção agrícola regional, ao menos com relação à produção de lavouras.

No ano de 1971, apenas 6,4% da produção das lavouras ter-se-iam destinado ao abastecimento do parque fabril da Região. O item alimentos predominava com 64,7%, seguido das exportações para o exterior, com 21,5%, e para o resto do País, com 7,4%.

Para 1980, segundo a estimativa realizada, a situação pouco se alteraria. As matérias-primas deveriam alcançar 8,0%, enquanto que os alimentos continuariam predominando com 62,5%, seguidos de exportação para o exterior, com 19,7%, e para o resto do País, com 9,8%.

Tabela 4
NORDESTE
Estimativa do Valor da Demanda de Produtos de Lavouras
1971 — 1980

Destinação	1971		1980	
	Cr\$ milhões	%	Cr\$ milhões	%
Alimentos	1.890,1	64,7	2.940,9	62,5
Exportação para o Exterior	628,8	21,5	925,6	19,7
Exportação para o Resto do País	215,8	7,4	459,0	9,8
Matérias-Primas	187,9	6,4	378,0	8,0
Total	2.922,6	100,0	4.703,5	100,0

FONTE: BNB/ETENE — Perspectivas de Desenvolvimento do Nordeste até 1980.

O crescimento da demanda de matérias-primas agrícolas para o abastecimento da indústria regional foi estimado em 6,6% ao ano, durante a presente década.

Para o cálculo desta estimativa foram levados em conta apenas as matérias-primas mais tradicionais, ou seja: algodão, cana-de-açúcar, mamona, sisal, tomate e fumo. Estes produtos, certamente, compreendem a maior parte do valor total do suprimento regional à indústria de beneficiamento de produtos agrícolas do Nordeste.

Muitos outros produtos, seguramente, foram deixados de lado. Entretanto, face à menor expressão quantitativa destes últimos em comparação com os principais produtos, sua inclusão no cálculo pouco alteraria a conclusão a que se chegou quanto à pequena participação da produção destinada a processamento industrial, no cômputo geral da produção agrícola do Nordeste.

Há que se considerar, ainda, um grande número de outros produtos agrícolas que, nem sequer, chegam a ser aproveitados industrialmente, mas que apresentam potencialidade neste sentido.

3. AS AGROINDÚSTRIAS E O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO NORDESTE.

No presente item pretende-se avaliar a participação das agroindústrias no contexto geral do setor industrial nordestino, mormente após a implantação do sistema de incentivos fiscais, a partir do início da década passada.

Uma análise do atual programa de desenvolvimento industrial do Nordeste implicaria verificar em detalhe a contribuição de cada um dos diversos gêneros industriais no processo em andamento.

No caso das agroindústrias, este estudo comparativo se reveste de maior importância, face ao papel fundamental que as empresas que insumem produtos agrícolas devem desempenhar no processo de desenvolvimento em seus estágios iniciais, como é o caso da atual etapa do desenvolvimento do Nordeste.

Na estratégia do desenvolvimento regional, definida a partir do estabelecimento da ação coordenadora exercida pela SUDENE, tem sido destacada sempre a participação fundamental atribuída ao setor industrial, como um dos pilares básicos para que se alcance o desenvolvimento econômico.

A necessidade da implantação de um setor industrial forte e a conseqüente aceleração do processo de industrialização têm figurado repetidamente nos documentos que consubstanciam a nova fase desenvolvimentista por que passa a Região. Isto é verdade desde os primórdios da SUDENE, conforme consta no relatório do GTDN, nos vários Planos Diretores e, mais recentemente, nos Planos Regionais de Desenvolvimento.

É lógico supor-se que um programa de industrialização que viesse a ser implantado na área fosse voltado para o aproveitamento de matérias-primas regionais. No caso do Nordeste, a disponibilidade de matérias-primas com potencial para a industrialização constitui um dos componentes importantes das vantagens comparativas que a Região oferece para que nela seja implantado um programa de desenvolvimento industrial.

É lógico supor-se, ainda, que o setor agrícola deveria participar prioritariamente com parcelas preponderantes no fornecimento de matérias-primas para o parque manufatureiro. Tal hipótese tem por base, de um lado, as amplas possibilidades que o setor agrícola regional apresentaria para fornecer matérias-primas industrializáveis para a indústria nascente, em condição presumivelmente competitiva. De outra parte, ao insumir produtos agrícolas, o setor industrial estaria desempenhando o papel que lhe cabe no processo de desenvolvimento econômico, qual seja, o de propiciar a ampliação do mercado para tais produtos, assegurar a redução de perdas da produção agrícola, além de outras vantagens, com repercussões as mais favoráveis sobre o setor agrícola e contribuindo para o desenvolvimento equilibrado.

Pela análise dos dados que se reuniu sobre o assunto, foi possível concluir que isto não vem ocorrendo, pelo menos numa intensidade que possa ser aceita como desejável.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o programa de desenvolvimento industrial, montado na Região a partir da última década, não tem no setor agrícola a base principal do fornecimento de matérias-primas.

É verdade que a nova indústria regional está sendo implantada para o aproveitamento de matérias-primas regionais, pois não estão se verificando importações significativas de matérias-primas básicas, salvo algumas poucas excessões. Entretanto, não é o setor agrícola do Nordeste o principal beneficiário do programa de industrialização.

Tal conclusão pode ser tirada a partir da análise da distribuição dos investimentos aprovados pela SUDENE para projetos industriais na Região, segundo os diversos gêneros industriais.

Para efeito da presente análise, os gêneros industriais foram agrupados em três categorias: a) os gêneros cujas indústrias utilizam preponderantemente matérias-primas agrícolas; b) os gêneros que utilizam matérias-primas não-agrícolas; c) os gêneros mistos, compostos de indústrias que utilizam matérias-primas agrícolas e indústrias que utilizam matérias-primas não agrícolas.

- a) Indústrias que utilizam matérias-primas agrícolas — O Grupo das indústrias que utilizam matérias-primas oriundas da agropecuária corresponde tão somente a 11,4% dos investimentos totais aprovados pela SUDENE e a 14,2% do aporte de incentivos. Constitui o grupo de menor significação e inclui as indústrias de madeira, mobiliário, couros e peles, produtos alimentares, bebidas, fumo, papel e papelão, produtos farmacêuticos e medicinais.
- b) Indústrias que utilizam matérias-primas não-agrícolas — O grupo das indústrias que utilizam como matérias-primas produtos não-agrícolas engloba 36% dos investimentos e absorve 40,5% dos incentivos.

Este grupo é formado pelas indústrias editorial e gráfica, de minerais não metálicos, metalúrgica, mecânica, de material elétrico e de comunicações, de material de transporte, de borracha, de produtos de matéria plástica, extrativa mineral e diversos.

- c) Indústrias mistas — O grupo mais importante é o das indústrias mistas, com 52,6% dos investimentos e 45,3% dos incentivos fiscais. É formado pelas indústrias química, têxtil, de perfumaria, sabões e velas, e de vestuário e calçados.

Em relação a este grupo, tentou-se estimar separadamente a participação relativa das indústrias que utilizam insumos agrícolas e não-agrícolas em cada gênero industrial.

Faz parte deste grupo a indústria química, o mais importante gênero industrial em implantação no Nordeste quanto ao aporte de investimentos e incentivos. A indústria química participa em 36,7% dos investimentos totais dos projetos aprovados e com 27,5% dos incentivos fiscais.

O principal componente do gênero química é a indústria petroquímica, cuja implantação, face à própria característica da atividade, reconhecidamente intensiva de capital, exige altos volumes de recursos. Os investimentos previstos correspondem a cerca de 80% do total da indústria química.

Do ponto-de-vista da presente análise, interessa diretamente ao setor agrícola

Tabela 5
NORDESTE
Investimentos Industriais Aprovados pela SUDENE
1960-75 (1)
Cr\$ milhões de 1975 (2)

Gêneros	Investimento Total (3)		Incentivos Fiscais	
	Valor Absoluto	%	Valor Absoluto	%
QUE UTILIZAM MATÉRIAS-PRIMAS				
ORIUNDAS DA AGROPECUÁRIA	5.389,5	11,4	2.741,4	14,2
Madeira	430,9	0,9	237,3	1,2
Mobiliário	191,1	0,4	75,8	0,4
Couros e Peles	353,3	0,8	227,6	1,2
Produtos Alimentares	2.161,5	4,6	1.093,6	5,7
Bebidas	441,5	0,9	174,7	0,9
Fumo	22,5	0,0	8,3	0,0
Papel e Papelão	1.655,2	3,5	848,3	4,4
Produtos Farm. e Medicinais	133,5	0,3	75,8	0,4
QUE UTILIZAM MATÉRIAS-PRIMAS NÃO-AGRÍCOLAS				
PRIMAS NÃO-AGRÍCOLAS	17.006,6	36,0	7.713,5	40,5
Editorial e Gráfica	147,6	0,3	31,7	0,2
Minerais não metálicos	2.831,2	6,0	1.739,7	9,1
Metalúrgica	9.161,9	19,3	3.344,0	17,5
Mecânica	563,5	1,2	464,1	2,4
Mat.Elétrico e de Comunicações	1.244,8	2,6	567,5	3,0
Material de Transporte	1.027,4	2,2	487,8	2,6
Borracha	605,2	1,3	364,4	1,9
Produtos de Matéria Plástica	541,2	1,2	259,6	1,4
Extrativa Mineral	605,9	1,3	310,4	1,6
Diversos	277,9	0,6	144,2	0,8
MISTAS	24.560,2	52,6	8.638,5	45,3
Têxtil	5.588,1	11,9	2.490,0	13,1
Química	17.123,0	36,7	5.256,5	27,5
Vestuário e Calçados	1.772,4	3,8	817,8	4,3
Perfumaria, Sabões e Velas	76,7	0,2	74,2	0,4
T O T A L	46.956,3	100,0	19.093,4	100,0

FONTE DOS DADOS ORIGINAIS: SUDENE.

Notas: (1) Até junho

(2) Até julho

(3) Exclusive Minas Gerais

as indústrias de ceras e óleos vegetais. Pela análise dos projetos aprovados, estimou-se que somente 3,3% dos investimentos e 5,4% dos incentivos na indústria química se referem a beneficiamento de ceras vegetais e sementes oleaginosas. Admitindo-se tais percentuais, conclui-se que a indústria de ceras e de óleos teria absorvido, em todo o período considerado, apenas 1,2% dos investimentos totais e 1,5% dos incentivos fiscais da SUDENE.

O segundo mais importante gênero deste grupo é o da indústria têxtil, que concentrou 11,9% dos investimentos e 13,1% dos incentivos fiscais.

Pela análise dos projetos foi possível concluir que a indústria de fibras naturais (algodão e sisal) teria concentrado apenas 9,6% dos investimentos aprovados e 10,4% dos incentivos fiscais.

Para as indústrias de vestuário e calçados, e perfumaria, sabões e velas, estimou-se que os investimentos se destinaram em partes iguais para o beneficiamento de matérias-primas agrícolas e não-agrícolas. Os dois gêneros, em conjunto, correspondem, então, a 2% dos investimentos totais e 2,4% dos incentivos fiscais relativos à industrialização de produtos agrícolas.

Somando-se aos dados parciais das indústrias mistas os percentuais referentes ao primeiro grupo, ou seja, o que inclui indústrias que utilizam preferentemente produtos agrícolas, se alcança o total de 24,2% dos investimentos e 28,5% dos incentivos.

Significa dizer, então, que apenas cerca da quarta parte do esforço até agora dispendido em prol do desenvolvimento do setor industrial do Nordeste teve por base a agropecuária regional.

É inegável que a implantação de certas categorias de indústrias, mormente as denominadas indústrias dinâmicas, exigem maiores volumes de recursos. Neste caso se incluem, entre outras, as indústrias metalúrgica, química, mecânica, de borracha, de produtos de matéria plástica, etc.

Mesmo assim, deve-se reconhecer, à luz dos números apresentados, que o potencial do Nordeste para o desenvolvimento de agroindústrias ainda não está sendo suficientemente aproveitado.

Esta constatação permite afirmar que o Nordeste ainda não esgotou as possibilidades de aproveitamento industrial de matérias-primas agrícolas, que é capaz de produzir, estando este potencial quase que inteiramente à disposição de programas voltados para seu desenvolvimento efetivo.

4. OPORTUNIDADES AGROINDUSTRIAIS NO NORDESTE

Uma abordagem sobre oportunidades agroindustriais no Nordeste exige a prévia definição acerca do que venha a ser uma agroindústria.

Existem diferentes conceitos sobre a natureza da agroindústria, assunto que constitui, aliás, matéria polêmica.

Tais conceitos consideram, em vários graus de abrangência, entre outros aspectos: a) a atividade integrada agricultura — indústria, compreendendo a produção parcial ou total da matéria-prima agrícola e sua transformação ou beneficiamento industrial; b) isoladamente, a parte de produção industrial, correspondendo à transformação ou beneficiamento de matérias-primas agrícolas; c) também de forma isolada, a parte inerente à produção das matérias-primas agrícolas a serem submetidas aos processos de beneficiamento ou industrialização; d) a produção industrial de insumos para utilização na agricultura, mesmo que pertencentes a categorias industriais que não utilizam matérias-primas agrícolas, como é o caso das indústrias de fertilizantes, corretivos, defensivos, máquinas agrícolas, medicamentos veterinários, etc.

Para fins da presente análise, considerou-se agroindústria as indústrias que absorvem matérias-primas oriundas do setor agropecuário, independentemente de terem sofrido ou não prévia transformação industrial.

Como consequência, o conceito de oportunidade agroindustrial é aqui referido a nível de produto agrícola.

É evidente que o conceito de oportunidade agroindustrial é bem mais amplo do que a simples visão pelo lado da disponibilidade de matéria-prima.

Entretanto, a base de qualquer estudo sobre oportunidade agroindustrial deve partir da presunção de que determinado produto agrícola existe ou pode ser produzido em quantidade e condições adequadas para fins de industrialização.

As estatísticas oficiais de produção agrícola do Nordeste indicam que existem em toda a Região cerca de 40 lavouras cultivadas, 8 espécies animais e 20 espécies de flora nativa regional, exploradas economicamente através da atividade extrativa.

Além destas, novas culturas ou novas espécies animais podem vir a ser introduzidas ou terem seu nível de exploração sensivelmente ampliado. Igualmente, um número presumivelmente grande de espécies da flora e da fauna nativa regional apresenta possibilidade de vir a ser explorado economicamente. Constituem as

denominadas novas oportunidades para a agropecuária regional, para cujo desenvolvimento necessitam de programas específicos, a fim de que possam passar a constituir efetivas atividades econômicas e contribuir para a maior diversificação e crescimento mais acelerado do setor agrícola.

Em sua grande maioria, os produtos incluídos em todas as categorias antes citadas — lavouras, pecuária, extrativa vegetal e novas oportunidades — constituem, alguns de forma efetiva, outros ainda potencialmente, oportunidades agroindustriais para o Nordeste.

As oportunidades agroindustriais do Nordeste podem ser agrupadas segundo os seguintes tipos de produtos:

- a) Os mais tradicionais: Produtos agrícolas dentre os mais importantes quanto ao valor da produção, e cujo aproveitamento econômico somente se torna possível após passarem obrigatoriamente por processos de beneficiamento ou industrialização. Este grupo abrange, entre outros, algodão, cana-de-açúcar, cacau, sisal, mamona, arroz, carnaúba, fumo, oiticica, babaçu, caju (castanha).
- b) Os de grande potencialidade: Constituído de produtos com elevada participação no valor da produção, mas que se destinam a processamento industrial apenas em proporção insignificante. A maior parte é utilizada em consumo "in natura" ou beneficiado por processos muito rudimentares.

Os produtos incluídos neste grupo apresentam grande potencialidade para industrialização. Alguns necessitam aperfeiçoamento de certos processos de transformação, objetivando a produção de novos produtos derivados. Este grupo inclui as culturas de milho, mandioca, banana e manga.

De forma geral, o Nordeste apresenta condições favoráveis para, a curto ou médio prazo, ampliar significativamente a oferta desses produtos, dada à tradição de lavouras importantes que apresentam em toda a Região.

- c) Os de menor importância atual: Este grupo compreende os produtos que, atualmente, apresentam menor importância relativa quanto à formação do valor da produção agrícola regional. É formado por produtos total ou predominantemente consumidos "in natura". Na maioria dos casos, a parcela destinada à industrialização é insignificante. Para alguns outros produtos a industrialização inexiste totalmente.

Este grupo inclui produtos de elevado grau de perecibilidade, especialmente

frutas e hortaliças. Dele fazem parte os seguintes produtos: laranja, limão, caju (pseudofruto), tomate, maracujá, mamão, goiaba, sapoti, graviola, pinha, cajá, tamarindo, cupuaçu, piqui, bacuri, assaí, buriti, genipapo, jambo, carambola, umbu, jaca, mangaba, abacaxi, uva, cebola, abacate, cenoura, rabanete, pepino, pimentão, couve-flor.

- d) **Novos Produtos:** Este item engloba os produtos com possibilidade de serem introduzidos na Região e que apresentam boas perspectivas de exploração econômica, com vistas à diversificação e maior crescimento da agricultura regional. Inclui ainda os produtos já em fase inicial de exploração. É o caso da soja, gergelim, amendoim, girassol, sorgo, milho, alfaça, seringueira, dendê.

Se forem apoiados inicialmente, mediante a formação de uma demanda efetiva para fins de industrialização, deverão apresentar, seguramente, condição de êxito bem maior.

- e) **Produtos Pecuários:** No que se relaciona com as carnes, o aproveitamento atual dos produtos pecuários vem ocorrendo predominantemente com base em simples processos de abate e consumo "in natura". A atividade industrial se mostra ainda bastante incipiente. As modernas técnicas de frigorificação e industrialização podem significar perspectivas de maior aproveitamento de subprodutos, bem como de diversificação da oferta de derivados animais.

Quanto aos demais produtos da pecuária — leite, couros e peles — alguns já vêm sendo aproveitados industrialmente, o que não esgota todavia a possibilidade do aperfeiçoamento e expansão de seus processos de industrialização.

5. A AGROINDÚSTRIA NOS PROJETOS DE IRRIGAÇÃO

Na atual fase do programa de irrigação do Nordeste, uma questão fundamental tem-se apresentado aos responsáveis por sua execução: o que produzir ?

Em princípio, poder-se-ia argumentar que não deveria haver maior problema neste sentido, vez que está previsto que o Nordeste pretende fazer crescer sua área irrigada, de pouco mais de uma dezena de milhar de hectares atuais, para cerca de cem mil hectares, até 1980.

A Região Nordeste, como um todo, dispõe atualmente de uma área total cultivada de cerca de 12 milhões de hectares, estimando-se que possa alcançar cerca de 18 milhões de hectares ao final da década.

O crescimento da área irrigada na intensidade prevista na programação oficial do DNOCS e da CODEVASF não deverá provocar maior impacto sobre o crescimento total da área agrícola regional.

Mesmo se admitindo que, em média, cada hectare irrigado corresponde, em termos de volume produzido, a várias vezes a produção de um hectare não irrigado — há quem afirme que equivale até a dez vezes — ainda assim o impacto da irrigação não deverá ser tão elevado.

Ao que se sabe, a causa do dilema sobre o que produzir se situa em outra ordem de problema.

Face ao alto custo dos investimentos requeridos, os projetos de irrigação têm-se revelado inadequados para o cultivo de culturas tradicionais, predominando, nas áreas irrigadas do Nordeste, uma relação desfavorável entre os preços alcançados pelos produtos e seu custo de produção. Mesmo que se consiga, mediante a irrigação, duplicar ou triplicar a produtividade das culturas tradicionais, o que já é bastante freqüente em áreas irrigadas no Nordeste, ainda assim a rentabilidade se mostrará insatisfatória.

Talvez somente em níveis bem mais elevados de produtividade, correspondendo a várias vezes os resultados médios tradicionalmente alcançados na Região, seja possível às culturas tradicionais tornarem-se economicamente rentáveis sob irrigação. Esta alternativa não deve ser desprezada, e deverá ser buscada através do aperfeiçoamento dos métodos de produção, com a intensificação do esforço de pesquisa agrônômica em áreas irrigadas. A experiência mundial indica que limites elevados de produtividade são tecnicamente possíveis de serem alcançados em culturas como as do milho, arroz e algodão.

Os produtos de alto valor unitário têm sido apontados como solução para projetos irrigados. Entretanto, no Nordeste, poucos produtos conseguem alcançar um volume total de receita por unidade de área que permita caracterizá-los como de elevado valor unitário. Entre esses, incluem-se, em sua maior parte, as frutas e hortaliças.

Tais culturas figuram entre as que são inicialmente lembradas pelos planejadores dos projetos governamentais de irrigação. No entanto, apresentam como principal limitação a insuficiente dimensão de mercado. Quase sempre são produtos com pequeno consumo "per capita" e não oferecem possibilidades de expansão desse consumo a curto ou médio prazo, dadas as características do mercado consumidor, o baixo nível de renda da população, afora hábitos alimentares tradicionais.

Essa limitação vem significar, na prática, que os projetos de irrigação não

deverão continuar indefinidamente a se basear em hortaliças e frutas. Forçosamente criar-se-iam excedentes sem oportunidades de comercialização. Todo o programa regional de irrigação ficaria comprometido, gerando-se desestímulos que poderiam afetar o crescimento do setor agrícola regional como um todo.

Logicamente, duas saídas se apresentam: a exportação dos produtos agrícolas "in natura" ou sua industrialização.

Quanto à primeira, não é aplicável na maioria dos casos dado o alto grau de perecibilidade de grande parte desses produtos.

A industrialização surge, então, como opção mais viável para os produtos agrícolas produzidos nas áreas irrigadas.

A agroindústria funcionaria como absorvedor dos excessos de produção dos produtos nobres, de que a demanda "in natura" se revelasse incapaz de consumir.

A principal vantagem da implementação de empreendimentos para industrialização de matérias-primas agrícolas, oriundas dos projetos de irrigação, seria a criação de uma demanda estável para esses produtos, reduzindo os riscos causados pelas flutuações de mercado e pelos excessos de produção.

Outras vantagens adviriam ainda: em áreas irrigadas, torna-se possível ajustar os programas de plantio e os cronogramas de colheita às necessidades do parque industrial, em termos de suprimentos adequadamente constantes de matérias-primas.

Sabe-se que atualmente, no Nordeste, os projetos de irrigação representam, sem dúvida, a possibilidade mais evidente de difusão de moderna tecnologia agrícola, com vistas à sua adoção, bem como de diversificação da agricultura regional. Caso sejam associados à agroindústria, os projetos de irrigação teriam perspectivas ainda mais favorável no sentido da modernização e da diversificação.

Além desses, podem ser citados, ainda, como contribuição da agroindústria, sobretudo, de produtos oriundos de áreas irrigadas: a elevação do nível do emprego e sua diversificação de oportunidades; a redução dos fluxos migratórios campo-cidade e das pressões demográficas sobre os centros urbanos; a melhoria geral de nível de renda no meio rural; a criação de maiores possibilidades de crescimento do mercado interno; a expansão das exportações, com a abertura de novos mercados no exterior, e a diversificação da oferta de produtos exportáveis.

6. O DESENVOLVIMENTO DA AGROINDÚSTRIA EM PROJETOS DE IRRIGAÇÃO

A instalação de uma agroindústria em projetos de irrigação conta, certamente, com inúmeras facilidades decorrentes das condições mais favoráveis que o projeto de irrigação apresenta e que podem influir sobre a produção, a transformação industrial e a comercialização de insumos e produtos. Entre essas vantagens, podem ser citadas a infra-estrutura física existente na área dos projetos, a possibilidade de assistência técnica mais intensiva, o mais fácil acesso ao crédito por parte dos produtores rurais, o suprimento adequado de insumos, a possibilidade do estabelecimento de uma política de preços que beneficie produtores e industriais, facilidades quanto à comercialização, etc.

Em âmbito mais geral, entretanto, o êxito de um programa de agroindústria associado a projetos governamentais de irrigação implica a prévia adoção de algumas medidas relacionadas com a identificação de oportunidades, o financiamento dos empreendimentos e a promoção de atividade.

Algumas dessas medidas poderão ser implementadas diretamente pelos organismos responsáveis pelo programa de irrigação, DNOCS e CODEVASF, no caso do Nordeste. Outras, no entanto, face à maior complexidade ou a implicações interinstitucionais, exigem uma atuação conjunta de várias entidades.

6.1. Identificação de Oportunidades — Os projetos de irrigação apresentam amplas possibilidades para a produção de um número bastante elevado de produtos agrícolas possíveis de aproveitamento industrial.

No entanto, este potencial somente poderá ser acionado com o conhecimento, por parte dos órgãos governamentais de desenvolvimento e dos investidores, das condições que a atividade possa apresentar para assegurar o pleno êxito dos empreendimentos.

Geralmente, o caminho adotado é o de identificação de oportunidades. Os estudos sobre oportunidades devem procurar reunir as informações básicas necessárias, a partir das quais se torne possível o desenvolvimento dos programas e, subsequentemente, a elaboração dos projetos específicos.

No caso de produtos possíveis de serem produzidos em projeto de irrigação, alguns estudos já foram realizados, valendo destacar os seguintes:

- a) Estudo realizado pelo consórcio MONTOR-ADL, mediante contrato do IPEA, sobre oportunidades agroindustriais no Nordeste (6), e que serviu de

base para a criação do atual programa de agroindústria em execução na Região.

Foram estudadas 20 matérias-primas, tendo o estudo concluído pela imediata viabilidade para a agroindústria de algumas dessas, enquanto que outras somente teriam oportunidade a mais longo prazo. Um terceiro grupo apresentaria poucas perspectivas.

Dentre os produtos estudados, alguns podem ser cultivados sob irrigação, como é o caso do tomate, maracujá, algodão herbáceo (1o. grupo), banana e laranja (2o. grupo).

- b) Estudo realizado pela empresa ADELA — Administração e Serviços Ltda. (7), patrocinado pelo Ministério do Interior, e que teve por finalidade indicar oportunidades agroindustriais para alguns projetos de irrigação do Nordeste.

Segundo o estudo, foram considerados viáveis as seguintes oportunidades agroindustriais: cebola, tomate, hortaliças (cenoura, pimentão e milho doce), maracujá, goiaba, abacaxi e caju.

- c) Estudo realizado por iniciativa do Ministério do Interior, mediante convênio entre o Grupo Executivo de Irrigação para o Desenvolvimento Agrícola — GEIDA, e a Fundação Centro Tropical de Pesquisa e Tecnologia de Alimentos — FCTPTA (8).

Referido estudo, que tratou sobre oportunidades da agroindústria no Nordeste, incluiu algumas matérias-primas agrícolas capazes de serem produzidas sob irrigação, como é o caso do tomate.

Além dos citados estudos, existem muitos relatórios de pesquisas, mais ou menos detalhados, já realizados no Nordeste e que tratam de produtos agrícolas específicos, possíveis de serem produzidos com irrigação.

Muito embora esses trabalhos tenham sido realizados com finalidades as mais diversas, não se constituindo necessariamente estudos sobre oportunidades de agroindústrias, grande parte deles se presta com subsídio para programas ou projetos de agroindústrias, vez que envolve muitos aspectos pertinentes à atividade.

É o caso de alguns estudos realizados pelo BNB, SUDENE, SUVALE, DNOCS, CETREDE, Universidades, Secretarias Estaduais de Planejamento, de Agricultura e de Indústria, Bancos Estaduais, órgãos federais e estaduais de pesquisa e empresas de consultoria mediante contrato de entidades públicas.

6.2. Financiamento — O aporte de recursos financeiros para as atividades agro-industriais pode ser feito a partir de linhas de financiamento tradicionais de crédito rural e crédito industrial, ou mediante a utilização de recursos de novos programas, especificamente criados com a finalidade de estimular as referidas atividades.

No caso das áreas irrigadas do Nordeste, os investimentos relativos à parte de produção agrícola já são em sua grande maioria efetuados pelo Governo, que instala diretamente a infra-estrutura básica nos projetos de irrigação.

As necessidades de recursos financeiros adicionais se referem a certos tipos de inversões fixas e ao capital de trabalho a nível de unidade produtiva. Isto é válido, tanto no sistema de lotes familiares, como também nas grandes empresas instaladas em áreas irrigadas.

De acordo com o caso, constituem fonte de financiamento as cooperativas de produtores (mais aplicável aos projetos que seguem o modelo da unidade agrícola familiar), ou então o sistema bancário oficial (no caso de empreendimentos de maior vulto e de grandes empresas em áreas irrigadas).

Quanto à parte industrial, o aconselhável é procurar financiamento através do sistema bancário.

Em ambos os casos — crédito industrial ou rural — o mais conveniente é recorrer aos programas específicos de crédito, que apresentam condições operacionais bem mais favoráveis que as linhas tradicionais de financiamento.

As principais linhas de financiamento rural aplicáveis à produção de matérias-primas agrícolas em áreas irrigadas são as seguintes: os programas de financiamento a cooperativas, para investimento próprio e repasse aos associados; as linhas de crédito do PROTERRA (Programa Especial de Crédito Rural Orientado — PECRO e Programa de Incentivos aos Fatores Técnicos de Produtividade — FATOR); a linha de financiamento à produção de matérias-primas destinadas às agroindústrias, mediante contrato de fornecimento exclusivo, constante do Programa de Desenvolvimento da Agroindústria do Nordeste. Além destas, é provável que no programa POLONORDESTE venha a ser criada uma linha especial de financiamento agrícola, que será aplicável nas áreas prioritárias do referido programa, algumas das quais são áreas onde se localizam projetos de irrigação.

Quanto ao crédito industrial para agroindústrias existem: os programas de crédito à pequena e média indústria, em execução por bancos de desenvolvimento; uma linha especial no PROTERRA (Programa de Assistência Financeira à Agroindústria e à Indústria de Insumos, Máquinas, Tratores e Implementos Agropecuários — PAFAI); e o Programa de Desenvolvimento de Agroindústrias do Nordeste.

Este último programa, com execução a partir de 1975 pelo BNB, em articulação com a SUDENE, conta com Cr\$ 800 milhões para aplicação em projetos de financiamento à produção e industrialização de matérias-primas agrícolas.

Os empréstimos destinam-se a inversões fixas e capital de trabalho da parte industrial e da parte agrícola das agroindústrias, podendo ser destinados, ainda, a empresas agropecuárias que fornecem matérias-primas para as agroindústrias.

As condições operacionais oferecidas são as mais favoráveis, em termos de prazos, juros, carências, etc., permitindo-se, ainda, a utilização conjunta de incentivos fiscais do FINOR.

6.3. Promoção — Nas áreas em fase de desenvolvimento, a atividade de promoção de investimento é reconhecida como indispensável, vez que propicia o aporte de recursos e capacidade empresarial.

No caso da promoção de programas de agroindústria em projetos de irrigação, essa importância se acentua ainda mais, tendo em vista as condições tradicionais que prevalecem nas áreas rurais, entre as quais, limitações de recursos financeiros e empresariais.

O trabalho de promoção visa a divulgar as oportunidades de investimentos e as facilidades e incentivos que a área e a atividade oferecem.

Cabe aos organismos responsáveis pelos programas de irrigação, em articulação com os demais organismos desenvolvimentistas da Região, acionar mecanismos no sentido de promover referido programa.

Do ponto-de-vista da condução de um empreendimento agroindustrial em áreas irrigadas, duas alternativas se apresentam: a forma cooperativista e a do empresário industrial.

Cada forma tem seus defensores e adversários, que se baseiam nas vantagens e desvantagens quanto aos aspectos econômicos, sociais, administrativos e até políticos de um ou de outro sistema.

No caso do Nordeste, onde o próprio programa de irrigação, em si, está baseado tanto na unidade agrícola familiar, quanto na grande empresa irrigada, torna-se difícil uma definição quanto ao melhor modelo a ser seguido na agroindústria.

Nessa situação, é lógico admitir-se que possam ser implementadas as várias composições possíveis, de acordo com a variedade de circunstâncias, como por exemplo:

- a) empresas industriais pertencentes a cooperativas, que processariam produtos agrícolas produzidos por seus associados;
- b) fábricas pertencentes a empresários industriais, que processariam matérias-primas adquiridas aos colonos ou às suas cooperativas agrícolas;
- c) empresas agroindustriais integradas, pertencentes a grandes empresários, que processariam suas matérias-primas agrícolas de produção própria.

No caso de agroindústrias pertencentes a cooperativas de produtores, o esforço assistencial deverá ser bem elevado, tendo em vista o natural despreparo dos agricultores neste campo de atividade.

Quanto ao grande empresário, sobressai a necessidade de implementar um eficiente programa de promoção, a fim de induzi-lo realmente a participar da atividade mediante instalação de empresas industriais para o processamento de produtos agrícolas produzidos em perímetros irrigados.

No momento, encontra-se em execução um amplo programa de promoção de investimentos do Nordeste. Referido programa (9), com duração correspondente ao período 1975-79, tem sua execução a cargo da SUDENE, BNB, SEPLAN e colaboração de Governos Estaduais.

Constituem seus pontos principais: “a identificação das oportunidades conhecidas e de novas oportunidades; a elaboração do manual de investidor do Nordeste; publicação de materiais de divulgação; promoção da vinda de investidores de outras áreas do país e do exterior; missões de técnicos do Nordeste ao exterior; participação de técnicos e empresários do Nordeste em seminários, reuniões e encontros sobre Promoção de Investimentos; participação em feiras e exposições no exterior; realização de seminários, encontros e reuniões no Nordeste ou em outras áreas do País, visando fornecer as oportunidades indicadas”.

Os programas de agroindústria aparecem em destaque como uma das mais importantes oportunidades a oferecer aos novos investidores, segundo os levantamentos já realizados e os novos estudos detalhados a serem ainda efetuados.

Sugere-se aos organismos responsáveis pelo Programa de Irrigação do Nordeste, estabelecer uma íntima articulação com as instituições executoras do programa de promoção, no sentido de enfatizar as oportunidades oferecidas pela agroindústria regional nas áreas irrigadas.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- (1) Conjuntura Econômica — Volume 29. Outubro, 1975 — Fundação Getúlio Vargas.
- (2) Brasil. SUDENE — Estimativa do produto e formação bruta de capital do Nordeste no período 1965 — 1972. Recife, 1974.
- (3) Nordeste. Análise Conjuntural No. 7, I Semestre de 1975. BNB/ETENE.
- (4) BNB/ETENE — Perspectivas de Desenvolvimento do Nordeste Até 1980, Volume 3, Tomos I e II. Fortaleza, 1971.
- (5) Brasil. SUDENE — II Plano Nacional de Desenvolvimento; Programa de Ação do Governo para o Nordeste. Recife, abril, 1975.
- (6) Consórcio MONTOR—ARTHUR D. LITTLE — Programa de Desenvolvimento de Agroindústrias no Nordeste — Volumes I e II — 1973.
- (7) ADELA — Administração e Serviços Ltda. Oportunidade Agroindustrial no Nordeste Brasileiro.
- (8) Ministério do Interior — Convênio GEIDA/FCPTA — Contribuição ao Desenvolvimento de Agroindústrias. Volumes I a XV.
- (9) BNB/ETENE — Plano de Promoção de Investimentos do Nordeste — 1975 — 79 — Fortaleza, agosto de 1975.

SUMÁRIO

Neste trabalho o autor discorre sobre o crescimento do setor agrícola do Nordeste, destacando as altas taxas de crescimento que a agricultura vem alcançando durante as duas últimas décadas, e as perspectivas de crescimento para os próximos anos.

Analisa separadamente as possibilidades de crescimento da demanda de produtos agrícolas do Nordeste para alimentação da população regional, para exportação para outras regiões do País e exterior e destinadas à indústria regional. Conclui que o parque manufatureiro regional apresenta possibilidades proporcionalmente maiores para absorver produtos agrícolas em escala crescente.

Avalia a participação das agroindústrias no cômputo geral do programa de desenvolvimento industrial do Nordeste, concluindo que o potencial para desenvolvimento de agroindústrias ainda não está sendo suficientemente aproveitado.

Após citar as principais oportunidades agroindustriais existentes no Nordeste, discorre sobre a importância da agroindústria em projetos de irrigação.

Por fim, trata do desenvolvimento de programas de agroindústria em projetos de irrigação, analisando separadamente a necessidade de identificação de oportunidades, o financiamento dos empreendimentos e a promoção da atividade.

SUMMARY

In this work the author describes the growth of the agricultural sector of the Northeast, emphasizing the high rates of growth that the agriculture has reached during the last two decades and the perspectives of growth for the next years.

He analyses separately the possibilities of increase of the demand for agricultural products of the Northeast as food for the regional population, for exportation to other regions of the country and world market and for the regional industry. He concludes that the regional manufacturing plant exhibits proportionally larger possibilities to absorb agricultural products in an increasing scale.

He evaluates the participation of the agro-industries in the program of industrial development of the Northeast, concluding that the potential for the development of agro-industries is not yet sufficiently used.

Finally he refers to the development of programs of agro-industries in projects of irrigation, analysing separately the need of identification of opportunities, the financing of enterprises and the promotion of the activity.